

Electricidade

ENERGIA NOVA NOS NEGÓCIOS

O investimento em energia eólica será de 4000 milhões de euros até 2010. Não é à toa que a Martifer se vai estrear neste mercado

Por Patricia Jota

Portugal tem um desafio e tanto pela frente: gerar, já em 2010, 39% da electricidade a partir de fontes renováveis. Esta meta faz parte do plano de Bruxelas para conseguir varrer a poluição do ar e cumprir o compromisso estabelecido em Quioto. “O valor médio dos últimos cinco anos foi 29%”, aponta António Sá da Costa, presidente da APREN (Associação Portuguesa de Produtores Independentes de Energia Eléctrica de Fontes Renováveis). Portanto, 39% é um número ambicioso, mas perfeitamente realizável, segundo os especialistas ouvidos neste artigo.

Entre as fontes renováveis, a eólica (produzida pelo vento) é a grande aposta. “É a que apresenta maior possibilidade de utilização”, confirma Álvaro Rodrigues, investigador do Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial.

Não por acaso, a Martifer, grupo que actua na construção de estruturas metálicas, resolveu lançar-se ao vento. A empresa anunciou recentemente que está a investir mais de 11 milhões de euros numa fábrica de torres eólicas – um dos componentes dos aerogeradores (veja foto à esquerda). Vai produzir duas torres

por semana a partir de Maio próximo, contando para isso com cerca de 60 trabalhadores. De acordo com um comunicado à imprensa, o grupo quer fazer frente aos espanhóis, já que muitas das torres vêm do país vizinho. Mas não é só isso.

A Tegopi - Indústria Metalomecânica é o grande nome nacional quando o assunto são torres eólicas. Essa empresa produz tais estruturas desde 1996. Vende por ano cerca de uma centena delas, com um crescimento anual de 20%. “Os nossos grandes concorrentes são os espanhóis”, confirma Inácio Vasconcelos, director comercial.

O desafio, no entanto,

ESTAS VENTOINHAS GIGANTES, os aerogeradores, são o motor dos parques eólicos. As suas peças vêm de várias partes do mundo. Uma empresa promotora monta a engrenagem – cinco delas (as dinamarquesas Vestas e NEG Micon, a americana GE Wind, a alemã Enercon e a espanhola Gamesa) dominam 76% desse mercado mundial

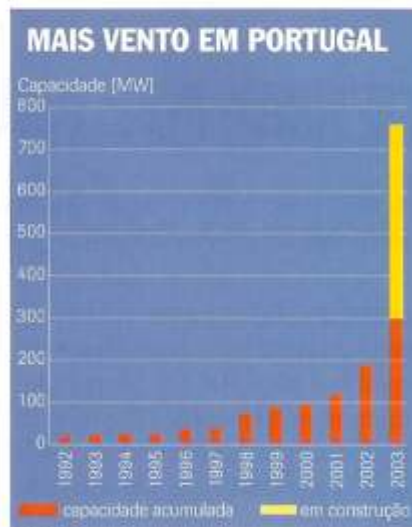


não é simplesmente ganhar dos espanhóis para fazer com que torres eólicas nacionais proliferem em solo português. A façanha está em atrair as poucas empresas promotoras de parques eólicos, que dominam o desenvolvimento dos tais aerogeradores – apenas dez no mundo têm uma fatia de 95% do mercado! –, garantindo assim os parques eólicos nacionais e os estrangeiros. Portanto, é vencer também outros *players*, além dos *nuestros hermanos*.

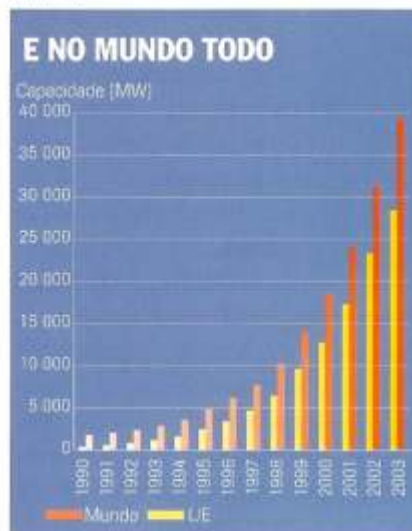
A Tegopi, diga-se, já espalhou torres pelo Japão, pela Austrália, por Marrocos... É que o negócio dos aerogeradores funciona como o dos carros. Uma empresa é responsável pela marca e a montagem, mas as peças chegam de várias partes do mundo, de fábricas subcontratadas. Quando o que está em causa é a criação de um parque eólico em Portugal, é natural que o promotor contratado procure um fornecedor de torres nas redondezas. Isso facilita o transporte dessa estrutura, que chega a 90 metros de altura e pesa entre 60 e 80 toneladas, e a sua manutenção.

Se os números saírem mesmo do papel até 2010, uma coisa é certa: haverá mercado para todos e, à primeira vista, pode-se dizer que a Martifer fez bem. Afinal, segundo os peritos no assunto, o país está sendo obrigado a impulsionar o crescimento do sector nos próximos anos. O Programa E4 (Eficiência Energética e Energias Endógenas), apresentado em 2001, vai nesta direcção. Duplicar a capacidade produtiva por recurso a fontes renováveis é o objectivo estabelecido para o sector. E a assessoria do ministro das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente adiantou que o Governo está a agilizar o processo de licenciamento de projectos de produção de electricidade a partir da energia eólica.

Isso é urgente não só para a puri-



Fonte: nepj



Fonte: nepj

ficação do ar que respiramos, mas também para garantir energia para todos. Um outro problema que o país tem pela frente é o crescimento do consumo de electricidade – cerca de 5% ao ano. “Até 2010 precisaremos construir de 4000 a 4500 MW (*megawatts*) de potência de novos centros electroprodutores”, avisa Álvaro Rodrigues. Segundo o investigador, 1000 MW poderão ser obtidos com o aumento da potência hídrica, 500 MW seriam fornecidos pelas energias solares, da biomassa e das ondas. Resta aos parques eólicos arcar com mais de 3000 MW – 3750 MW é a meta do governo – cerca de 12% da electricidade total. “Há

quem diga que este valor deveria chegar aos 5000 MW”, destaca Rodrigues. Vale a pena ressaltar que até ao final de 2003 o país contava com apenas 300 MW (além dos 460 MW em construção). “Teremos um crescimento médio anual de 500 MW. São 10 MW por semana. Dois MW por dia útil”, contabiliza Sá da Costa. Considerando que o investimento por MW de potência eólica instalada (construção civil incluída) é de cerca de 1,2 milhões de euros, para atingir a meta estabelecida são necessários uns 4000 milhões de euros até 2010. “São três Expo 98 ou, se preferir, quatro pontes Vasco da Gama”, conclui Sá da Costa.

E O PLANETA? – No mundo, a previsão do tempo também é de dias ventosos. Mas não será o mesmo furacão de até agora. De acordo com a consultora dinamarquesa BMT, a electricidade produzida pelo vento representa 1% da oferta global e, nos últimos cinco anos, cresceu 26,3%, em média. Mas, para os próximos cinco anos, a expectativa é de um valor muito inferior: vai expandir a taxa de 10,4% anuais.

O importante é que continua a crescer! Atingirá em 2008 uma capacidade de 95000 MW – hoje é à volta de 40000 MW. A Europa manter-se-á na liderança, com 66000 MW. Em 2013, dois por cento da electricidade mundial virá de fonte eólica. Bons ventos, e bons números, não faltam para animar a iniciativa privada a levantar a vela. “A incorporação nacional nos parques eólicos é pequena: de 30% a 40%. Poderia chegar a 75%”, reclama Sá da Costa. “Um mercado de 500 MW por ano já justifica termos uma fábrica de aerogeradores em Portugal, o que nos garante valor acrescentado”, sugere Álvaro Rodrigues.

publicaçãopda@mausvalia.com